

## Algumas notas da assembleia conclusiva das férias regionais de Comunhão e Libertação Angra dos Reis, 15 de julho de 2018

*A assembleia foi guiada por Olavo Gruber, responsável de CL na cidade de São Paulo, e Marco Montrasi (Bracco), responsável nacional.*

**Cantos:** *Abri a porta, Foi um rio que passou em minha vida*

**Bracco.** “A mais bonita sorriu pra mim”. Isso é o que desejávamos, não? Quando a gente entra num bonde, no ônibus, no metrô, na escola. “Naquele instante me convenci que o bom da vida vai prosseguir”. Essa é a experiência de correspondência de que falamos nestes dias. Quando acontece aquela liberdade – a verdadeira liberdade – que, quando a gente sente, percebe algo que me liberta de todos os poderes que, geralmente, muito facilmente me prendem. Então, agora, se alguém tiver feito uma experiência, quiser contar um fato, algo que aconteceu sobre isso, nestes dias, é uma caridade para todos poder contar. E se tiverem perguntas também.

**Colocação.** Quando a música disse: “Foi um rio que passou em minha vida, e meu coração se deixou levar”, descreveu bastante a minha vida. Porque eu encontrei o Movimento aos 16, 17 anos e até hoje estou nessa estrada. E também: “Haja o que houver, espero por ti”. Vim para cá com o desejo dessa aventura, mas o que me moveu, sobretudo, foi encontrar os meus amigos de uma vida toda. E olhar para os rostos é o que mais me deixou cheia de gratuidade, olhar para os rostos de todo mundo: quem eu já conheço há mais de trinta anos, quem eu conheci ontem. De fato eu quis vir falar aqui para dizer da minha felicidade, da minha certeza, dessa certeza que eu tenho de ser amada, “haja o que houver”. E as coisas acontecem, todos os detalhes, tudo o que aconteceu aqui, os encontros, o passeio, a festa, tudo é cheio de um significado, e isso é muito correspondente. Eu trouxe a minha família porque aquilo que eu encontrei, eu desejo que todo mundo que cruze meu caminho encontre, porque é bom demais para a minha vida. E ontem a gente chamou uma amiga para cumprimentar, e eu e meu marido ficamos muito tocados com a forma de ler dela, com a forma dela de ajudar a gente a desenhar, a viver aquele conto. E dali a gente quase não parou de conversar, até tarde, porque tinha tantas coisas em comum, nas nossas vidas, e eu fiquei extremamente comovida com isso. Posso dizer que essa é a nossa grande casa, a nossa grande família. E está espalhada pelo mundo inteiro.

**Colocação.** Vou contar uma experiência que eu fiz nestes dias aqui, sobretudo hoje de manhã. Indo para o restaurante tomar o café da manhã, no corredor, em todos os ambientes tem música e você não consegue ficar em silêncio, você fica ouvindo música. E aí, fazendo um pouco de silêncio aqui, antes da entrada no restaurante, estava tocando a música *Aquele abraço*. E numa determinada parte da música, tem uma frase assim: “Quem sabe de mim sou eu”. Ouvindo essa frase, olhando para estes dias aqui, pensei que eu participo de férias com o Movimento há mais de 20 anos, e neste hotel já é a segunda vez, então não tinha uma coisa que fosse uma novidade. Mas pensando nesses dias que a gente viveu aqui, entendi que essa letra, essa frase que diz: “Quem sabe de mim sou eu” não é verdade. Porque eu percebi que estando aqui, participando dos gestos que nos são propostos, eu vejo que quem sabe de mim é um Outro, que toma a iniciativa comigo e me propõe um gesto como este, de férias, que é tão corriqueiro, vamos dizer assim. E ontem à noite o Bracco disse uma frase durante a festa que também me chamou muito a atenção: “A festa tem um começo, um meio e um fim”. Então, como todos os outros gestos, ela tem um começo, um meio e um fim. Eu percebo que esse gesto, tendo esse começo, esse meio, esse fim, me educa a ter essa consciência de quem é que sabe de mim, mais do que eu mesma sei. Então é um Outro que sabe de mim, porque nem eu sei lidar com a própria clareza, com o próprio conhecimento de quem eu sou. Na página 27 do livrinho dos Exercícios, diz assim: “Continuarei a provocar tanto a esse povo, com um grande e espantoso milagre, de tal modo que o

maravilhamento novamente seja possível. E assim, Israel o conheça de verdade, e possa nele confiar”. Assim como o gesto da caritativa, que o Savorana falou, que é uma escola, para mim o gesto das férias é esse lugar, é essa escola onde eu aprendo a perceber a presença desse Outro dentro da realidade, que continua a me provocar espanto, de tal modo que o maravilhamento seja possível, mesmo depois de mais de vinte férias no currículo.

**Colocação.** Eu tenho uma pergunta em relação ao que você disse agora, porque durante o testemunho sobre a caritativa o Savorana explicitou uma coisa que me deixou incomodado: quando ele diz que o que constitui a minha pessoa não é o que eu faço, mas o meu relacionamento com Cristo, trata-se de uma coisa que eu já tinha escutado várias vezes, mas sempre dei por óbvio, nunca chegou a me ferir. Mas, escutando aquilo, eu pensei: “Como é que pode a gente não ser definido pelo que a gente faz?”. Porque, quando a gente trabalhou naquelas férias lá em São Paulo sobre o tempo da misericórdia, o perdão e a misericórdia, até consigo entender que você pode ser perdoado pelo que você faz, mas que você não seja definido, que você não é aquilo que você faz, que então alguma outra coisa te define, isso eu não consigo entender. E quando você falou agora sobre o que nos liberta, me deu vontade de entender isso, porque eu entendo que não indo a fundo desse outro que constitui a pessoa, eu consigo enxergar só o outro pelo que acontece, pelo que é feito. E eu percebi que é uma coisa que limita. O que vocês estavam falando é uma coisa muito maior do que o meu limite para olhar uma pessoa ou para ser olhado. Só que eu não consigo dar esse passo, de “haja o que houver, espero por ti”, incondicionalmente. Então eu queria que vocês me ajudassem um pouco a entrar, me explicassem um pouco essa questão.

**Olavo.** Eu não tenho uma resposta pronta para isso. O que eu percebo, olhando para a minha vida, é que eu sou feito para caminhar e encontrar cada vez mais essa experiência, essa presença. O que eu percebo é assim, é como o fato de estar aqui, hoje. Eu sou definido muitas vezes pelo meu limite, pela minha desproporção, pela minha dificuldade. Mas tem uma coisa aqui, pela qual vale a pena arriscar tudo. Eu arrisco toda a minha vida aqui. Eu estou inteiro aqui. Porque isso aqui responde, é uma correspondência, tem aqui uma coisa que responde. Vale a pena arriscar. Fiquei muito impactado no primeiro dia, quando o Bracco dizia mais ou menos assim: “Vamos esquecer o que você pensa, o que você imagina das férias. Abra o coração”. É um pouco do que ele está dizendo aqui: “Por estes fatos saberás que eu sou o Senhor”. Então, é uma abertura para descobrir quem é que faz a realidade, descobrir quem é que responde, de fato, ao que eu sou. Quem é que me faz de fato, de verdade. Então, quando eu percebo o meu limite, a minha desproporção, eu percebo que é a forma como Ele me fez, foi assim que Ele me fez, mas isso não me define, porque eu sou feito para Ele. Então o mais justo diante disso é se abrir, é viver uma abertura para o que acontece, para o que Ele nos propõe.

**Bracco.** Imagine os apóstolos: Pedro, João, André... Eles eram muito humanos. Eram muito limitados, cheios de defeitos. Então, se a gente lê o Evangelho como Giussani nos mostra muitas vezes, como o Carrón fala para nós, como o Papa fala, a gente vê continuamente isso que você identificou: eles, que são determinados pelo que eles fazem, ou pelo que Jesus faz às vezes, mas sem entender aonde Ele quer levá-los. É Jesus que continuamente quer colocá-los dentro de uma outra medida. Então, a gente não tem que ter medo. O que mais me marca ultimamente é que temos alguém que não me Diz: “Olha, esse aqui é um caminho. Você pode começar esse caminho quando estiver certinho”. Essa é a primeira certeza que devemos ter entre nós. Porque Jesus faz o contrário: Ele quer entrar na tua casa, assim como você está, mesmo com aquele ponto que ainda não consegue resolver. Ou que ainda não consegue perdoar um amigo. Ou ainda não consegue se sentir perdoado. Não é um problema. O problema é se você quer deixar entrar um Outro. Esse é o nosso problema. Precisamos abrir a porta, temos que deixar entrar um Outro. É isso o que Ele me pede. Porque, quando acontece isso, a gente começa a fazer a experiência física das correntes que

se soltam. Não se soltam todas ao mesmo tempo, mas talvez uma. E a gente começa a sentir o gosto de Deus, sentir o gosto de Cristo. O gosto de Cristo é o que solta as correntes que me prendiam, que estavam me prendendo e eu não sabia como fazer para me soltar. Mas acontece se O deixarmos entrar, se formos disponíveis, se ficarmos abertos, se formos simples como as crianças. Talvez ainda não consigamos resolver aquele problema que ainda está aqui na garganta. Não se preocupe. O Papa falava assim: “Suportar, na esperança, com paciência”. É que você tem que carregar ainda alguma coisa que não consegue. Mas temos a certeza de que iremos resolver, que Ele está com você. Se deixar aberta a porta, aquela coisa vai se resolver. Vai entrar de novo dentro uma harmonia, não vai ficar um ponto fora da curva. Isso me liberta da minha medida e da medida do outro. É sentir, é fazer a experiência física dessa nova liberdade, que é a liberdade verdadeira, de sentir que Ele soltou uma corrente que estava me prendendo. E eu quase nem sabia. Só que eu começo a correr mais rápido. Como é que me dou conta de que fiquei solto? Não é que ouvi o barulho, é porque começo a correr mais rápido. Esse é o gosto de Cristo. Isso é o que temos que desejar um para o outro, sempre. Não tendo medo se erramos, se somos fracos, se brigamos. Tem um Outro que salva. Também não sabemos quando vai se resolver. Pode ser ainda hoje, amanhã, daqui a uma semana, talvez daqui a três meses, não sei. Se temos essa esperança já hoje, começa-se a sentir um ar diferente. Precisamos deixar a porta aberta.

**Colocação.** Eu queria muito vir aqui às férias, mas olhando os fatos, eu não tinha dinheiro. Cuido da minha mãe 24 horas, não consigo ir a nenhum encontro de Fraternidade ou Escola de Comunidade no fim de semana, ou à noite, porque não tenho como pagar uma segunda empregada para ficar com a minha mãe. E nem à missa de domingo consigo ir. Mas pensei: “Eu me encontro com Cristo lá, e eu O vejo nas pessoas”. Parece que estou sozinha com minha mãe ou com a minha irmã muito grave de Parkinson, então falei: “Eu quero ir lá”. Conversei na secretaria e uma outra irmã falou que eu iria ficar deslocada, mas eu amei as pessoas aqui! Dom Paulo também fez com que eu olhasse que estava certo o que eu estava vivendo, embora eu viva muito pouco, faça muito pouco. E Dom Filippo também. Ele me falou: “Jesus olhava o outro”. Então, eu só queria mesmo agradecer e dizer que esse encontro que vocês já tiveram um dia, para mim é muito claro no dia a dia, quando penduro a roupa, e peço: “Em nome do Teu Filho Jesus Cristo Vivo, faça com que saia o sol, pelo menos até secar minha roupa”. Ou estou passando mal de madrugada, e falo: “Jesus Cristo, eu preciso de Ti”. E Ele está ali. Obrigada.

**Colocação.** Eu estou voltando de uma viagem do meu trabalho em Singapura. E essa viagem foi muito importante. Primeiro porque foi muito maior do que eu imaginava, fui a um congresso em tinha que fazer quatro apresentações em inglês e estava bem assustada, bem preocupada e com o desejo de fazer bem o meu trabalho. A primeira coisa que eu fiz foi pedir ajuda da fraternidade, que rezassem por mim, que me ajudassem nesse processo. Uma semana antes eu trabalhei muito, meu filho e meu marido tiveram uma paciência imensa, porque eu tive que preparar quatro apresentações. Eu fui sozinha, com Deus, do outro lado do mundo, sempre me perguntando: “Quem é você que me leva para o outro lado do mundo, o que você quer de mim?” Fiz a conferência e cada dia foi uma surpresa, porque o meu limite estava muito evidente. E ao mesmo tempo, as pessoas que estavam comigo eram pessoas de diferentes lugares do mundo e não tinham uma relação pessoal comigo. Mas elas tinham cuidado comigo, o que não era normal. Acabou conferência, dois dias e meio de muito trabalho, resolvi passear um pouco na cidade, e vi coisas muito bonitas. Mas a certa altura eu sentei numa baía que tem lá e eu olhei para os prédios, os vinte maiores bancos do mundo ali, e fiquei pensando: “Quem é você que me traz aqui?” Porque não era para eu estar ali, aquele lugar não tem nada a ver comigo. E eu me dei conta, naquela reflexão ali na baía, sozinha, de noite, do porquê dessa preferência, pois ele me tira do Brasil, me tira da minha família, me leva para lá, e faz com que todo o meu limite apareça, todo o meu medo, todo o meu risco da vaidade, e ao mesmo tempo me deixa junto com pessoas que eu não conheço, e que tentam cuidar de mim, me dando um café mais forte para que eu aguentasse a

dor de cabeça, alguém estranho te paga o almoço, e eu falo: “Quem é você?” E eu me comovi muito naquele dia na baía, porque me dei conta de que Ele faz tudo isso para que eu seja mais d’Ele. E eu tenho um desejo muito grande de ver a vida, de ver o mundo, e Ele vai me jogando, vai me respondendo a esse desejo de ver a vida, mas não me deixa sozinha, Ele vai comigo. Ele deixa claro que não é minha capacidade, é preferência, é iniciativa de Deus que toma, não com a capacidade do homem, porque te dá a possibilidade de conhecer e de conhecer-se.

**Bracco.** E qual a diferença entre isso e o que ela falou agora sobre ter que ficar cuidando da mãe dela 24 horas por dia?

**Colocação.** Nenhuma diferença. O significado das duas coisas é o relacionamento com Cristo. Ela, sozinha com a mãe dela, tem um relacionamento com Cristo, e eu, que estava do outro lado do mundo, também tive essa possibilidade. Mas isso acontece porque existe este lugar. Este aqui. Porque eu me dava conta, naquele dia na baía, de que também o fato de me dar conta dessas coisas não era óbvio. Eu só podia estar ali, sozinha, rezando um Pai Nosso, uma Ave Maria e um Glória, chorando, de noite, do outro lado do mundo, de gratidão, porque eu tenho um caminho. Então eu dizia: “Senhor, nem a minha consciência é minha, até essa consciência é dada”. Porque eu só posso estar assim do outro lado do mundo, ou no mercado financeiro, porque eu tenho esse lugar que me ajuda a viver a experiência de um relacionamento com Cristo, uma familiaridade com Ele. Então tanto faz estar do outro lado do mundo ou estar em casa. “Tanto faz” no sentido de que estar com Cristo lá é o mesmo que estar com Cristo aqui.

**Bracco.** Essa coisa é o nos salva do fato de que hoje temos que voltar para casa. Por que nos salva? Porque, primeiro, nos ajuda a entender qual é a verdadeira companhia. Que a verdadeira companhia é quando eu falo: “Mas, se não tivesse ninguém, desses que estão aqui, o que eu faria?”. Eu recomeria! Porque é algo que está dentro de mim. A origem da companhia. A companhia é necessária porque é o lugar que Ele me dá para fazer um caminho, para fazer um trabalho. Mas aquilo que eu descobro, aquilo que dissemos ontem, está dentro de mim. Essa liberdade, dentro, no íntimo de mim. É quando não tem a companhia que você pode descobrir mais. Amanhã, quando sairmos para o trabalho, quando você tiver um problema, quando tiver que enfrentar as fadigas da vida, vai perceber se a origem da companhia está fora ou se está dentro de você. Essa é a verdadeira preferência de Cristo. É algo que ninguém te arranca mais. E pode estar em casa cuidando da sua mãe, 24 horas por dia, e ser livre, e carregar a companhia contigo. Ou pode estar aqui, ou pode estar em Singapura. Essa é a experiência que somos chamados a fazer, a experimentar. E que nos liberta também da saudade que talvez começa a entrar um pouco, porque está acabando alguma coisa. Não está acabando! É o reinício que podemos verificar agora, voltando para casa.

**Colocação.** Poucos dias atrás, o Olavo me mandou uma mensagem pedindo que eu falasse de Clarice Lispector nestas férias. Faz uns 15 anos que a gente não trabalhava esse tema, mas se o Olavo pede, se o Movimento pede uma coisa, eu tento dizer “sim”, porque é tanta gratidão, é tanto presente que a gente ganha, que a gente dá um jeito. Então fizemos isso. E o resultado então da caridade – isso foi uma caridade – é a felicidade, a gente ficou muito feliz. E depois quantas pessoas vieram falar conosco, “olha, gostei muito”, “olha, a parte que vocês não leram, qual é?”, “olha, já comprei o livro, não tinha aqui, comprei na Internet”. Foi uma coisa tão impressionante, cada um que se dirigia a nós tinha uma gratidão, que eu dizia: “Nossa, esse é um povo novo”. Porque olhar para vocês enquanto a gente falava também era impressionante, havia um fundo musical das crianças, mas havia um silêncio aqui, um olhar, um desejo de infinito, então quando vem aquela frase, que Giussani diz: “Mas não falta Deus, falta humanidade”, eu pensei: “Mas não aqui, não falta humanidade aqui”. Porque o problema todo da leitura é porque falta humanidade, por isso é que a gente não consegue ler, e quando encontra um texto da Clarice não consegue ler.

Se você não tem humanidade, aquilo é uma bobagem. Mas com vocês não era assim. “Gente, essa mulher está falando da minha vida”. Então, eu também quero dizer que de fato, além da humanidade, o homem é a caridade. Quando a gente diz sim, faz uma experiência de letícia, de felicidade, de gratidão. E quanto mais humano a gente é, mais intensa é a vida.

**Olavo.** Para mim é muito impressionante isso que você fala. O que me comove nessa estrada que eu percorro é que me dou mais conta, cada dia mais, que eu só posso dizer “eu” porque encontrei um lugar. O que eu percebo na minha experiência, e que tem a ver com o que você está falando, é essa coisa de ser protagonista. Você fez essa apresentação para nós aqui, mas você pode fazer a mesma experiência na segunda-feira como protagonista da vida. Então, percebo assim, para mim, que tudo o que acontece é para que eu seja mais eu. Não é um recorte da vida, não é uma coisa que foi “legal”. Não é isso. Mas é muito mais do que isso. É a possibilidade de aprender como se relacionar com as coisas. A caridade é na vida, é na segunda-feira, quando eu volto a trabalhar. É para que a realidade seja minha, para que a vida seja minha, que potência que é! E quando a gente é protagonista, quando a gente responde às coisas que acontecem, fica feliz. É uma letícia que transborda.

**Colocação.** Com oito, nove anos, eu passei por um pequeno naufrágio, e graças a Deus estou aqui, mas ficou um trauma, e eu não queria andar de barco. Aí chego aqui nas férias e tem um passeio de escuna. Meus amigos insistiram muito: “Você tem que ir”, e eu dizia: “Eu não quero ir! Eu não vou”. Aí eu vim para cá. Já olhei aqui: “Por estes fatos saberás que eu sou Senhor”. Gente, nós somos determinados por limites também. E o meu limite é esse, não queria andar de barco. E eu falei para o meu pai: “Pai, não quero morrer agora”. E ele: “Vai, que você está no meio dos amigos, vai dar tudo certo”. É libertador! Eu me diverti, eu tirei fotos de todo mundo, e essa é a gratidão que eu tenho, é essa amizade, é esse abraço, é esse ajudar você a superar o teu limite. Porque nós somos muitas vezes determinados por pequenas coisas que marcam nossa vida. Então é necessário que a gente também tenha essa abertura. E foi tudo muito bom, maravilhoso, eu amei, e as minhas lágrimas são de felicidade.

**Colocação.** Eu não sou do Rio nem de São Paulo, mas um pouco antes de encerrar as inscrições, meu marido disse: “Vão para as férias em Angra”, porque reconheceu um bem que eu estou vivendo junto com a comunidade de São Paulo. Vocês são um bem para nós, por isso viemos aqui. E ser único não tem sido fácil, porque se confunde muito com essa coisa de ser sozinho. E eu fico pensando que essa é uma guerra do próprio coração, que a gente muitas vezes vive. Eu vim para cá com o começo daquela frase, que “enquanto me concede seu amor que escolhe”. Porque, se não tem um lugar para fazer a experiência da companhia, vem o desespero, se fica perdido no mundo. Então, a experiência que eu estou fazendo aqui, que eu fiz estes dias aqui, é um grande frescor para mim, de poder fazer uma experiência de liberdade, de poder ser única, de olhar com amor para esse fato de ser único, reconhecer, por causa de um grande amor, poder também amar essa possibilidade de ser único. Foi uma experiência muito reveladora para mim nestes dias. Então é impossível não agradecer, com o coração, estou muito feliz de estar aqui.

**Colocação.** Eu e meu marido não participamos do Movimento, mas a gente tem alguns amigos aqui, e é a segunda vez que a gente vem às férias, porque a gente acha muito bom, maravilhoso. A minha família não é religiosa, hoje. E você falou no começo sobre a questão da libertação, que achei bacana. É uma experiência bastante positiva estar aqui, e teve uma palestra em que nós não estávamos, eu e meu esposo, e foi sobre a Clarice Lispector, e depois nos contaram e eu achei que aquilo era exatamente para nós, porque parece que falava um pouco sobre como psicólogo fala: às vezes, só o caos transforma a nossa vida. Então, às vezes realmente acontecem coisas inimagináveis e você diz: “Mas poxa, por que é que eu estou passando por isso, sou legal, sou boazinha e tal”. E assim, é mais ou menos como eu acredito que foi essa passagem do conto da

Clarice, que falava de uma mulher que sempre tinha uma rotina certinha, aí aconteceu um fato, e a desequilibrou. Mas eu acho que a gente tem que olhar com aqueles olhos, às vezes, da transformação, do que vem enriquecer, mudar. Embora a gente não faça parte do Movimento, queria só dizer que tudo isso aqui é importante, tanto que meu marido acabou se emocionando, porque sempre tem uma passagem, alguém que vem e fala algo que vem acrescentar. Então eu queria agradecer realmente e dizer que, independentemente de religião, de convicções religiosas, foi bastante rico isso para nós.

**Colocação.** Ontem, terminando o passeio da escuna, queria descansar um pouco, fazer um pouco de silêncio e ficar quieta. Aí eu olho do outro lado da piscina e tem quatro ex-colegiais de 25 anos atrás. Elas estão ali, chegando ali nos 40 e tal, e estavam lá numa rodinha. Fui lá conversar com elas, porque há muito tempo que eu não as encontrava. Bom, a gente riu como há muito tempo eu não ria na minha vida. A gente começou a lembrar histórias, de quando elas tinham 14, 15, 16 anos. Passou mais uns 15 minutos e outra amiga chegou. Nós duas éramos responsáveis pelos colegiais naquela época em São Paulo. Então foi um repassar a história da gente. Hoje elas estão casadas, com a família, e a gente ria de situações difíceis, quando passadas, que na época, quando a gente estava vivendo um problema na vida, parecia que aquilo era tudo, tomava conta, mas hoje a gente olhava de um jeito que aqueles problemas que na época – coisas sérias que aconteceram, graves às vezes – têm um desígnio, desígnio de Deus diante da vida da gente. E Ele vai tecendo de um jeito, que hoje, 25 anos depois, a gente olhava e dava gargalhadas, ria muito sobre o que tinha acontecido. Eu fiquei muito grata, fiquei com o coração cheio, falando: “Meu Deus do Céu, o que é isso que o Senhor dá para a gente viver, que cêntuplo é esse?”. E aí, na missa à noite, vejo Dom Paulo e Dom Filippo, e de novo é uma paternidade. É um caminho maravilhoso esse que a gente faz. E aí no final a gente cantou *Sou feliz, Senhor*, que fala: “Como vento veloz, o tempo da vida passa”. E é verdade, passa, a gente já está nessa história há tanto tempo, e nunca se cansa, nunca fica pesado, nunca é repetitivo, é sempre uma coisa nova. Só Deus! Não existe alguém que é o mesmo e ao mesmo tempo é novo. “Quero ter sempre em mim o favor da sua graça”. O meu coração inteiro era aquele pedido, naquele momento cantando esse verso.

**Colocação.** Faz 10 anos que eu não venho nas férias do Movimento por “n” motivos. Sou professora, sempre na última semana de julho eu tenho que trabalhar, e este ano as férias caíram uma semana antes, então a semana que vem tenho que trabalhar muito. Então, eu falei: “Ah, eu vou às férias”. Estou fazendo doutorado, e quando chegou mais perto, eu falei: “Não vou. Não vou, porque tenho que trabalhar, tenho que terminar esse doutorado”. Mas aí, nesse meio tempo também, junto com o doutorado, a gente resolveu organizar o lançamento do livro *A beleza desarmada*, em São Bernardo, e foi uma experiência muito bonita, enquanto fraternidade. O que mais me surpreendeu é que aquele evento foi um acontecimento. Foi um acontecimento, me mudou, mudou os meus amigos, mudou as pessoas que estavam lá, e eu fiquei muito feliz, muito livre. Liberdade é igual felicidade. Mas logo, segundos depois volto a pensar no doutorado. E aí, na semana seguinte, a minha vida ficou uma bagunça, mas meu coração estava cheio daquilo que aconteceu naquele sábado. E eu falei: “Olha, eu vou nessas férias. Deus sabe o que vai acontecer com esse doutorado, eu vou dar um jeito, vou trabalhar dobrado, mas eu tenho que ir nessas férias”. E aí eu pensei: “Bom, mas também eu não quero ir sozinha, porque isso não é só para mim”. Aí liguei para minha irmã, que também faz 10 anos que não vinha e ela aceitou vir com a família dela. E uma coisa que aconteceu aqui, um casal ficou doente e não iam no passeio de escuna. E a filha foi. Então, a primeira coisa que eu fiquei pensando, é: “Como é que um pai, uma mãe, deixa uma criança de 7 anos sozinha, para um passeio de escuna com esses amigos? Ou a gente tem uma liberdade muito grande, ou a gente é maluco”. E depois, eu aprendi ontem que a liberdade é igual a felicidade, olhando para ela. Por quê? Como é que um filho se entrega a esses amigos de um jeito tão familiar? Ela estava feliz e era como se ela estivesse com todas as pessoas da família dela. Então, olhar para ela feliz, livre, para mim foi a mesma experiência que eu fiz lá,

naquele sábado, e que eu fiquei pensando que, se Cristo é um acontecimento, a gente só tem que abrir a porta, soltar aquela corda, e Ele “solta uma corrente”, como o Bracco dizia. Eu só preciso abrir um pouquinho, porque Ele entra, e é Ele que acontece. Então, eu só queria dizer isso, para mim, Cristo aconteceu naquele dia, reaconteceu, e hoje de manhã quando eu acordei, eu falei: “Olha, graças a Deus, tenho certeza de que vou terminar esse doutorado assim que eu voltar para minha casa, porque eu sou outra pessoa”.

**Bracco.** Uma coisa só que eu lembrei, quando nossa amiga antes falava do caos. Porque tem dois tipos. Tem um caos que é aquele que gera medo, quando acaba aquela rotina. Mas tem outro caos que parece que vira tudo de cabeça para baixo, mas que é o caos mais bonito que pode acontecer. É o caos que gera uma presença. Por isso falei: “O gosto de conhecer Cristo”. É esse caos. Porque uma pessoa que tem que fazer o doutorado, decide “deixar o doutorado” e agora está certa que vai fazer melhor o seu doutorado, isso é um caos. Que é o caos que todo mundo deseja. Dentro da rotina, quando a gente não quer a rotina, quando está com medo. Essa presença veio trazer para nós esse caos. Talvez alguém que esteja aqui pela primeira vez, provavelmente está sentindo o caos, porque a vida não é mais como antes. É isso que temos que desejar, estamos junto para que cada um possa fazer pessoalmente essa experiência, que é algo que a companhia não pode fazer em nosso lugar. Experiência de conhecer quem é, quem está na origem desse caos maravilhoso, que pode gerar dias assim e que vão continuar agora voltando para casa.

## **AVISOS**

**Olavo.** Para continuarmos esse caminho, para conhecermos mais, vivermos mais esse caos que o Bracco colocava, temos um instrumento chamado **Escola de Comunidade**, onde a gente aprofunda alguns temas, todas as semanas, e onde a gente pode compartilhar a nossa vida. Então é muito importante que a gente aproveite esse ímpeto, essas experiências que a gente fez aqui, para dar continuidade. Procurem nas suas cidades como prosseguir.

**Bracco.** Outro aviso é a **Revista Passos**, que também é uma companheira de caminho. E tem toda a parte de mídias sociais (Facebook, Twitter, Instagram, Youtube), que são os instrumentos que temos para comunicar todos os dias o que acontece entre nós. Então, primeiro, é importante sustentar a revista com a assinatura. Segundo, é possível contribuir contando experiências, fatos, mandando cartas daquilo que acontece. Contato: [passos@cl.org.br](mailto:passos@cl.org.br).

Depois teremos, nos próximos dias, dois encontros muito importantes de **apresentação da biografia de Dom Giussani** com o autor, Alberto Savorana, que esteve conosco nestes dias. Esta é uma obra evidentemente única, que tem um valor para nós incrível. Quem acha que conhece Dom Giussani, quando começar a ler esse livro vai descobrir algo que não sabia. Então, temos dois encontros: um no **Rio de Janeiro, dia 17/07**, e outro em **São Paulo, no dia 18/07**.

No dia **9 de setembro**, domingo, em São Paulo faremos um **encontro com padre Carrón**. Enviaremos nos próximos dias uma pergunta e todos podem mandar contribuições e também perguntas que queremos fazer para ele. Prepararemos juntos esse encontro, que será transmitido ao vivo para o Brasil todo, mas ao qual estamos todos convidados a participar.

Temos os **Exercícios Espirituais dos Sacerdotes de 3 a 6 de setembro em São Paulo**. Talvez vocês conheçam sacerdotes amigos, e este é um momento muito interessante, para poderem encontrar o Carrón. Informações: [eventos@cl.org.br](mailto:eventos@cl.org.br).

Obrigado a todos!

*(notas não revistas pelos autores das colocações)*